

# Caminhar, um ato poético: 33 = 3 cidades + 3 poemas

Letícia Becker Savastano

**Orientadores:** Profa. Dra. Ana Gabriela Godinho Lima (FAU-MACK) e Prof. Dr. Ricardo Luis Silva (SENAC-SP).

**Pesquisa:** Trabalho de Conclusão de Curso, FAU-MACK, 2017.

Este ensaio é desdobramento de um Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido com o objetivo de registrar memórias urbanas para serem usadas como instrumentos de projeto e compõe uma pesquisa experimental de registros e experiências urbanas por meio de caminhadas errantes. O trabalho consiste em inventariar estímulos, impressões e devaneios despertados durante três caminhadas e transformá-las em

poemas: poemas-caminhadas. As caminhadas são parte da atividade "Caminhar e inventariar", realizada na cidade de São Paulo e idealizada pelo Prof. Dr. Ricardo Luis Silva. Neste ensaio é apresentada uma parte da pesquisa metodológica, abordando exemplos de autoras e autores que estabelecem relações entre literatura, memória e cotidiano, bem como o primeiro dos três poemas-caminhadas.

## Walking, a poetic act: 33 = 3 cities + 3 poems

This essay is an outcome of the Architecture and Urbanism undergrad research project that aimed to register urban memories in order to use them as information and instruments to architecture design. This project registers urban experiences from wandering walks. The experience consists of inventorying impressions, emotions and daydreams whilst walking and then use them to write a poem. The walks are part of the activity "Walking and inventorying", developed by Prof. Dr. Ricardo Luis Silva and takes place in the city of São Paulo. The essay presents part of the methodological research, including authors who establish relations with literature, memory, and daily life. In addition, the essay presents the first one of the three "walking poems".

## Caminar, un acto poético: 33 = 3 ciudades + 3 poemas

Este ensayo es un desdoblamiento del trabajo de conclusión de curso de Arquitectura y Urbanismo, cuyo objetivo es registrar memorias urbanas para ser utilizadas como instrumento de proyecto. Este ensayo presenta registros urbanos a través de caminatas errantes. El ejercicio consiste en inventariar estímulos, impresiones y devaneos despertados durante tres caminatas y luego transformarlos en poemas. Los paseos son parte de la actividad "Caminar e inventariar" concebida por el profesor Ricardo Luis Silva y que tiene lugar en la ciudad de San Pablo. En este ensayo se presenta una parte de la investigación metodológica, que aborda ejemplos de autores que establecen relaciones entre la literatura, la memoria y la vida cotidiana, así como el primero de los tres poemas-caminata.

## INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

Quantos dias — *quotus dies* — são necessários para construir o cotidiano? O cotidiano, um conjunto de banalidades, guarda em si diversas possibilidades de interpretação, vivência e imaginação.

Mais do que o espaço público, a vida cotidiana é o campo espaço/temporal de realizações da vida humana [...]. É no cotidiano que encontramos os elementos desejados para a leitura proposta na cidade [...]. É na vida cotidiana que encontramos possibilidades reais de alteridade, onde a sociabilização e encontro com o Outro acontece, ou deveria acontecer, agenciados pelo conflito e estranhamento e não pelo apaziguamento e cordialidade. (SILVA, 2017 p.39).

E como narrar esse fluxo incessante, o cotidiano, que nos atinge e objetiva consciente, inconsciente e subjetivamente? Isso pode ser feito de diversas maneiras, mas prescinde da alteridade (as articulações e interações com o outro) e da tradução. Segundo Biase (2015), a tradução é uma questão de experiência e de negociação. Trata-se de uma rearticulação daquilo que é apreendido pelo corpo em contato com a cidade (um corpo cheio de outros corpos) e da comunicação.

Não se pode perder de vista, portanto, que essa comunicação é uma rearticulação daquilo que foi apreendido em outra linguagem. A tradução depende de uma receita única da mistura entre o **corpo que** vivencia (e todas as memórias, emoções e sentimentos fisiológicos que este carrega) **com o que** vivencia e **onde** vivencia (as geografias, lugares, espaços, outros corpos), **em que tempo** e por **quanto tempo** vivencia, de **que modo** vivencia (Com que humor? Estava calor? Frio? Ventando? Chovendo?) e mais umas infinidades de variáveis que embriagam o corpo vivo que deseja registrar e comunicar sua caminhada.

Esse ensaio é proveniente do meu Trabalho de Conclusão de Curso "(Des)conhecidos cotidianos, um processo polifônico", em que, inspirada

pelos cartografias psicogeográficas<sup>2</sup>, investiguei etnograficamente interações entre o meio geográfico e o comportamento dos indivíduos. O desejo de registro e comunicação das experiências de caminhada me intrigam desde então.

Com o objetivo de especular as complexidades dos cotidianos na metrópole paulistana, despertei afinidades literárias e passei a realizar crônicas para registrar, comunicar, traduzir, elaborar e imaginar experiências. Isto é, assumindo as crônicas como mapas psicogeográficos, as faço para me relacionar com os espaços urbanos. Dei continuidade ao exercício de registro e comunicação, transformando minhas caminhadas em atos poéticos, ou sendo transformada poeticamente pelos atos de caminhada.

Participei, portanto, dos projetos "Genoturnos" e "Caminhar inventariar" realizados pelo professor e arquiteto Ricardo Luis Silva<sup>3</sup>. É a partir deste último que proponho o exercício (sempre em estado de desconfiança e alerta) de caçar palavras e imagens na cidade, associando-as com palavras e imagens dentro de mim e entre elas mesmas. É uma vivência de experiências estéticas de uma caminhada em textos, ou poema-caminhadas. Os textos poéticos são formados por retalhos de informações que colete nestes lugares que interagem com meu corpo-cidade.

O projeto "Caminhar inventariar" consiste em 3 caminhadas. A ideia é que cada uma das 3 experiências erráticas se transforme em poemas sem sua referência geográfica, para assim preservar o caráter imaginário da geografia. O primeiro poema-caminhada apresentado aqui é chamado de "3 - 2 = 1". O segundo e o terceiro poema, "3 - 1 = 2" e "3 - 0 = 3", formam o conjunto intitulado de "33 = 3 poemas + 3 cidades" que remete a um dos 33 fragmentos dos "Elogios à inutilidade: a incorporação do Trapeiro como possibilidade de apropriação e leitura da Cidade e de sua alteridade urbana" (SILVA, 2017). O fragmento ao qual me refiro é dedicado ao caminhar.

Caminhar é verbo intransitivo, é um pensamento prático, ato de resistência, reflexão espiritual, aproximação ao desejado, exercício físico, é instrumento de leitura e escrita, do tempo e do

espaço, é um movimento ativo, é humano. *Errare humanum est*. É a primeira forma que o homem dispõe para habitar e construir a paisagem. (SILVA, 2017, p.408).

Em uníssonos com Silva, faço o convite: "construamos a Cidade com o caminhar. Ao caminhar. Com o tempo..." (SILVA, 2017, p.408). Com os tempos que, na cidade, podem ser vários. Com o tempo presente que, errante, escapa. Entendendo por meio da graça da poesia aquilo que está na fronteira dos tempos reais e dos que não existem, o que interessa aqui é o caráter tortuoso do pensamento que se mistura entre corpo e rua. Portanto, lembrem-se: as traduções não são fiéis. São errantes.

### **ERRÂNCIA COMO EXPERIÊNCIA LITERÁRIA: EXPERIÊNCIA LITERÁRIA COMO SOBREVIVÊNCIA**

Os errantes são, então, aqueles que realizam errâncias urbanas, experiências urbanas específicas, a experiência errática das cidades. A experiência errática afirma-se como possibilidade de experiência urbana, uma possibilidade de crítica, resistência ou insurgência contra a ideia do empobrecimento, perda ou destruições da experiência a partir da modernidade. (JACQUES, 2014, p.27).

Tomando o fluxo da cidade em relação direta com o meu fluxo de pensamento, me aproprio da linguagem poética para traduzir, registrar e comunicar este deslocamento tático de entrega e errância. As experiências erráticas, diz Jacques (2014), são possibilidades de experiência da alteridade urbana e dispositivos de apreensão e ação. São movimentos de microrresistências, re-existências no dia a dia e inter-relação dos mínimos acontecimentos, que são todos os acontecimentos.

[...] a prática da errância, pode ser pensada como instrumento da experiência de alteridade na cidade, ferramenta subjetiva e singular — contrário de um método cartesiano. A errância urbana é uma apologia da experiência da cidade, que pode ser

praticada por qualquer um, mas o errante a prática de forma voluntária. O[a] errante, então, é aquele[a] que busca um estado de corpo errante, que experimenta a cidade através das errâncias, que se preocupa mais com as práticas, ações e percursos do que com as representações, planificações ou projeções. O errante não vê a cidade somente de cima, a partir da visão de um mapa, mas a experimenta de dentro; ele inventa sua própria cartografia a partir de sua experiência itinerante. (JACQUES, 2014, p.32).

E é por atuar no desvio de corpo confundido com a cidade, corpo-cidade, entregue aos próprios devaneios enquanto espírito inquieto, que opto por realizar minhas cartografias psicogeográficas em forma de poesia. A poesia, que é também uma tática de dispositivo que desloca situações familiares para modos não esperados. Poesias que juntam cidades enquanto desvios sem nunca as identificar, e nem por isso deixa de identificá-las. Trata-se de um inventário-poesia, cujo formato é uma tentativa de (des)organizar a experiência de meu corpo com a cidade e estabelecer entre nós um diálogo sensorial. Por meio de poesias-desvios que se misturam com meu corpo, com a cidade e com nosso corpo-cidade. Desvios nos quais a cidade deixa de existir e em outro momento existe de novo, e de novo, e de novo, repetidamente, em um movimento infinito.

A partir deste movimento tenho um modo de inserção e relação com a cidade. É um gesto do encontro que retoma a poesia enquanto fazer vital. Assim, me despreocupo com o estilo e faço caminhada, faço poesia. Caminho enquanto ato poético e enquanto ato de resistência ao "empobrecimento da experiência urbana", ao colocar meu corpo na cidade. Um corpo como lugar inescapável, mas que torna nosso movimento possível, junto a toda essa percepção do mundo externo (FOUCAULT, 2013).

E se, por sorte, eu vivesse com ele (o corpo) em uma espécie de familiaridade gasta, como se com uma sombra, ou com as coisas de todos os dias que no fim das contas não enxergo mais e que a vida embaçou; como as chaminés, os tetos que, todas as tardes, se ondulam diante de minha janela? (FOUCAULT, 2013, p.7).

## LITERATURA, COTIDIANO E MEMÓRIA ENQUANTO PRÁTICAS ESTÉTICAS

Apesar de os poemas-caminhadas partirem de uma arquiteta e urbanista sem pretensões literárias, como dispositivos de apreensão e ação na cidade — com nossos corpos-cidade —, são vários os exemplos de escritores/as, dos mais variados gêneros, que serviram de referência para esse exercício. Escritores das mais variadas abordagens que têm no cotidiano o seu *locus* de imaginação, investigação e criação. Podemos começar, por exemplo, com leituras de Manoel de Barros, um literato transformador de minúsculas experiências cotidianas, que recolhe palavras e objetos, tirando-as de sua aplicação convencional e sentido esperado. Ressignificadas, as palavras ganham nova vida em poesia.

Nasci para administrar o à toa  
O em vão  
O inútil  
Pertengo de fazer imagens  
Opero por semelhanças  
Retiro semelhanças de pessoas  
com árvores

De pessoas com rãs  
De pessoas com pedras  
Etc. etc.  
Retiro semelhanças de árvores comigo.  
Não tenho habilidades para clarezas  
Preciso de obter sabedoria vegetal.  
(Sabedoria vegetal é receber com  
naturalidade uma rã no talo)  
E quando esteja apropriado para pedra,  
terei também sabedoria mineral  
(BARROS, 2010, p.340).

Outro conhecido investigador do cotidiano é o francês Georges Perec. Além de relatos do interior de sua casa, como, por exemplo, as histórias sobre objetos de sua mesa de trabalho, Perec também realiza relatos cotidianos em espaços públicos registrando, exaustivamente, vivências urbanas. Em "Tentativas de esgotamento de um local parisiense" (2016), Perec "se instala em lugares no entorno da Praça Saint-Suplice para registrar tudo o que acontecia ao alcance de seu olhar. Um *voyeur* urbano que 'minúsculariza a realidade'" (SILVA, 2016, p.9). Perec não seleciona — conscientemente — o que vai registrar, e o faz sem hierarquia, apresentando os fatos misturados com algumas de suas reflexões sobre essas banalidades.

- Vejo o chão: pedra britada e areia  
[...]  
- um trecho considerável do céu  
(talvez 1/7 de meu campo visual)  
- um bando de pombas que se lança de súbito sobre a praça central, entre a igreja e o chafariz  
[...]  
Uma espécie de bassê  
[...]  
O 96 vai a estação Montparnasse  
[...]  
-Capa de chuva verde  
- Um dois-cavalo azul  
[...] A maior parte das pessoas tem pelo menos uma das mãos ocupada: carregam uma bolsa, uma pequena maleta, uma cesta, uma bengala, uma coleira no extremo da qual há um cão, a mão de uma criança  
[...]  
O 86 vai a Saint-Germain-des-Prés  
(PEREC, 2016, p.15-16).



A segunda experiência de Garcia é sobre sua visita a um museu chamado "Chácara do céu" para ver uma exposição de Jean-Baptiste Debret. Em determinado momento, decide tomar um café. Não encontrando um café, sai do museu "Chácara do céu" e se dirige ao museu ao lado, chamado "Parque das ruínas", que a fez ficar

[...] pensando em como fazer para passar do céu para as ruínas e depois voltar ao céu os dois museus ficam um ao lado do outro – têm entre eles apenas uma passarela de ligação – por que um tinha sido batizado como céu e o outro como ruína? (GARCIA, 2018, p.15).

A terceira experiência foi realizada em Paris, quando a poeta "queria entender alguma coisa que não sabia exatamente o que era" e decide começar um diário que tinha apenas uma regra:

[...] todos os dias deveria tirar  
uma fotografia  
do mesmo lugar/na mesma hora  
e partir dela para fazer o diário  
a única regra era essa  
o resto era livre  
e girava em torno da pergunta:  
como ver o lugar?  
(GARCIA, 2018, p.23).

O lugar escolhido para as fotografias foi a Pont Marie, e assim a poeta inicia o "diário sentimental da Pont Marie".

[...] queria fazer este diário para tentar  
entender alguma coisa  
e eu fiquei me perguntando  
é possível ver este lugar?  
não queria ver algo além  
mas o próprio lugar talvez  
com a foto  
pudesse recortar um instante  
um fotograma

sempre na vida tinha tentado  
pular etapas  
apagar o meio o entre o processo  
como fazer para atravessar  
e passar pelas coisas?

todos os dias lembrava de uma expressão  
em francês  
*avoir lieu* ter lugar:

o lugar faz parte da experiência  
e do acontecimento  
[mesmo que não  
aconteça nada] georges perec define uma  
categoria que ele chama de extraordinário  
[...]

o extraordinário comove fica evidente:  
guerra desastres morte  
mas como ver  
o extraordinário?  
(GARCIA, 2018, p.27).

Olhemos agora para André Breton em seu livro intitulado "Nadja" (2007), que com sua escrita surrealista divide "um elo secreto entre lugares e palavra, [...] [e] vai revelando não só a natureza do passeio surreal, mas também o intento de um livro que pretende explorar os pontos de contato entre a vida e o sonho" (MORAES, 2007, p.8). Como apresenta Eliane Robert Moraes, o caminhante "passa do plano real ao imaginário como quem troca de calçada e se deixa levar por forças incógnitas, alheias a seu entendimento" (2007, p.9). O registro afetivo das caminhadas e narrativas de Breton, conforme ele aponta, é algo que se pretende exclusivamente a ele — o que é, sem dúvida, o essencial —, e o que representa, no dia a dia, tão impessoal quanto possível, a nada. Em consonância com Breton, dou início aos meus textos e caminhadas da mesma maneira que ele começa "Nadja", perguntando: "quem sou?".

Diz muito mais do que dizer, me faz desempenhar em vida o papel de um fantasma, alude evidentemente ao que eu deveria deixar de ser pra ser quem sou. Tomando-a de forma um tanto abusiva nessa acepção, dá-me a entender que tudo o que considero manifestações objetivas de minha existência, manifestações mais ou menos deliberadas, não passa nos limites desta vida, de uma atividade cujo verdadeiro campo permanece inteiramente desconhecido para mim. (BRETON, 2007, p.21).

A intenção com o poema apresentado aqui foi de inventariar, mas também de inventar. Inventar inventariando, inventariar inventando, já que "a realidade é uma questão de narração" (BIASE, 2015, p.22).

# 3-2=1

chegada'  
água cruza'  
praça escondida  
pra gente  
ou viaduto exposto  
pra carro

lugares divisores de água

são lugares quando quase  
são lugares quando novos  
ou quando quase de novo  
tudo aquilo que se repete,  
e se repete  
e se repete  
e se repete até fazer  
sentido de se inverter e  
levar-me a  
lugares que ainda  
lugares que ainda não  
lugares que ainda não existem,  
lugares que são nós,  
laços,  
corpos aguacentos

lugares divisores de água

desconfie dos números, veja  
o número 3 da tarde de hoje  
é o mesmo número 3 de on\_  
tem o 3 da tarde de amanhã  
que não será  
o mesmo apesar  
de que se repetem  
e se repetem  
e se repetem  
e se repetem enquanto cidades  
nunca deveriam ter sido  
mercadoria,  
seres humanos também não.

lugares divisores de água

tecnologia de ponta

cabeça, sem saber se  
a cidade te carrega,  
ou você  
carrega ela seria  
apenas gramática gravitacional  
que se inverte  
infinitamente se quer  
isso não seria muito  
isso não seria sequer  
quase tudo, como são quase  
todos

lugares divisores de água

ora,  
jogue na cidade quase tudo,  
mas lembre:  
quase tudo, pensam os humanos,  
depende do ponto  
de vista  
dos seres humanos,  
uma espécie muito capaz  
de fazer embalagens,  
castelos e,  
falta de sucesso  
de seres que são

lugares divisores de água

a cidade ensina:  
fissuras podem ser desembrulhadas  
com as próprias mãos,  
com os próprios olhos,  
mas nunca com facas.  
com tesouras, talvez. mas saiba que  
tesouras produzem  
restos  
mesmo quando desenhos aguacentos  
são feitos por pingos  
que já nem sei mais se são  
milagres,  
ou abandonos.  
réquiem,  
ou requinte.

---

## NOTAS

1. O exercício proposto aqui foi parcialmente publicado no portal Vitruvius. Ver: SAVASTANO, 2020.
2. Mapas psicogeográficos podem ser “[...] de percursos, mapas psicogeográficos de arquipélagos de ambiências urbanas; mapas psicogeográficos etnográficos; mapas psicogeográficos temporais, intangíveis, invisíveis, sensíveis, mapas psicogeográficos intangíveis, invisíveis, sensíveis, mapas psicogeográficos catalográficos [...] emocionais e relacionais de alteridade [...] projetivos, especulativos, imaginativos [...]” (SILVA, 2017, p.746).
3. O Prof. Dr. Ricardo Luis Silva leciona no Centro Universitário SENAC-SP, onde encabeça grupos de pesquisas que realizam, periodicamente, caminhadas na cidade de São Paulo, por vezes, noturnas no centro, e por vezes, convida interessados para participar e inventariar o espaço urbano.

---

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- BIASE, Alessia de. Aljava com flechas pontiagudas debaixo do braço — a tradução entre narração e interpretação. In: JACQUES, Paola B.; DUTRA, F. D. B. (org). **Alteridade, imagem e etnografia — Tomo III**. Salvador: EDUFBA, 2015.
- BRETON, André. **Nadja**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: Editora N-1, 2013.
- GARCIA, Marília. **Parque das ruínas**. São Paulo: LunaPARQUE, 2018.
- JACQUES, Paola B. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2014.
- MORAES, Eliane R. Breton diante da esfinge. In: BRETON, André. **Nadja**. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p.7-15.
- PEREC, Georges. **Tentativa de esgotamento de um local parisiense**. São Paulo: Gustavo Gilli, 2016.
- SAVASTANO, Letícia. B. **(Des)conhecidos cotidianos, um processo polifônico**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) — Faculdade de Arquitetura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.
- \_\_\_\_\_. Caminhar, um ato poético. Minha Cidade, São Paulo, ano 20, n. 239.02, **Vitruvius**, jun. 2020. Disponível em: <[www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/20.239/7765](http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/20.239/7765)>.
- SILVA, Ricardo L. Prefácio. In: PEREC, G. **Tentativa de esgotamento de um local parisiense**. São Paulo: Gustavo Gilli, 2016.
- \_\_\_\_\_. **Elogios à inutilidade: a incorporação do Trapeiro como possibilidade de apropriação e leitura da Cidade e sua alteridade urbana**. 2017. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

---

## SOBRE A AUTORA

Arquiteta e urbanista graduada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie em 2017.

lbsavastano@gmail.com